

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**AS BARREIRAS ATITUDINAIS EMBUTIDAS NAS CONJUNÇÕES
ADVERSATIVAS**

JULIANA CAMILA REGO DUARTE

Estudante de Graduação em Radialismo (UFPE).

E-mail: julianaduarted@hotmail.com

TÚLIO SOUZA DE VASCONCELOS

Estudante de Graduação em Jornalismo (UFPE); Membro do Grupo de Pesquisas NUDOC (Núcleo de Documentação dos Movimentos Sociais)-UFPE; Bolsista de Extensão (PROEXT-UFPE).

E-mail: tulio.vasconcelos@yahoo.com.br

Resumo: O artigo propõe discorrer sobre as barreiras atitudinais nas conjunções adversativas que são exercidas no seio social e reconhecer em seus discursos ideias preconceituosas. As barreiras são difundidas na sociedade de várias formas e isso se prolifera também nas instituições. As barreiras atitudinais excluem o indivíduo, maculam a sua identidade e inibem sua liberdade individual. Para vencê-las, é necessário conhecê-las, para depois desconstruí-las. Só assim, pode-se promover um exercício da liberdade mais justo e o melhoramento social a fim de constituir uma sociedade mais tolerante e menos preconceituosa

Palavras-Chave: conjunções adversativas; discurso; barreiras atitudinais; sociedade; identidade.

THE ATTITUDINAL BARRIERS IN ADVERSATIVE CONJUNCTIONS

Abstract: The article aims at discussing the attitudinal barriers in adversative conjunctions that are performed on the social and recognize ideas in his speeches prejudiced. The barriers are pervasive in society in many ways, it also thrives in the institutions. Attitudinal barriers exclude individuals, tarnish their identity and inhibit their freedom. To beat them you need to know them, then deconstruct them. Only thus, can promote a more just exercise of freedom and social improvement in order to build a more tolerant and less prejudiced.

Keywords: adversative conjunctions, discourse, attitudinal barriers, society, identity.

INTRODUÇÃO

Os autores abordam as barreiras atitudinais implícitas no discurso que possuem conjunções adversativas. Este artigo foi produzido por um viés da análise do discurso, sob uma pesquisa, concomitantemente, histórica, linguística e social. O trabalho objetiva desvelar preconceitos que estão implícitos nos diversos discursos. Depois de identificados,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

em seguida, propôs-se formas de extingui-los. Desmistificou-se através deste discurso, que vela este tipo de barreiras, apontar concepções preconceituosas. Como esses preconceitos excluem o indivíduo, propõe-se esta análise com o intuito de conscientização destes preconceitos, ao contrário de marginalizá-los, criando a possibilidade de inclusão social do indivíduo.

As conjunções adversativas são elementos textuais usados para indicar relação de contradição ou oposição entre duas ou mais ideias contidas em orações coordenadas, ou seja, orações independentes uma(s) da outra(s) em relação ao sentido, ou pelo menos, completas em relação aos elementos básicos de gramaticalidade (sujeito+verbo+objeto) que um enunciado precisa ter para se tornar inteligível (já que existem os casos de falsa coordenação). As principais conjunções que oferecem uma ligação desse tipo entre as orações são: “mas”; “porém”; “contudo”; “todavia”; “no entanto”; “entretanto”.

Pode-se, também, atribuir sentido adversativo às orações conectadas pela conjunção aditiva “e”. Como por exemplo: “Estudou muito e foi reprovado” (o “e” aqui assume o sentido de “mas”).

No exemplo acima, a conjunção aditiva *e* não expressa sentido de adição entre as orações, e sim de oposição, pois o fato de alguém que estudou muito ser reprovado contradiz o senso comum.

BARREIRAS ATITUDINAIS

Através do uso que os sujeitos fazem de tais conjunções, pode-se reconhecer em seus discursos ideias preconceituosas, bem como a perpetuação de estereótipos amplamente difundidos na sociedade, já que a constituição do sentido é socialmente construída, segundo Orlandi. No seguinte enunciado: “Enriqueceu, mas continua agindo feito um pobre”. Pode-se inferir um forte teor de estigmatização aos indivíduos pertencentes às classes menos privilegiadas e aos seus costumes, pois ao proferir tais palavras, fica implícito (e até mesmo



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

evidente) o que se entende por “atitudes de pobre” e o valor negativo que a sociedade atribui a elas além de inferiorizar esses indivíduos.

A análise do discurso se dedica, entre outras funções, a analisar o elo entre a produção do saber e o poder que estabelece as formas dessa produção. Esse poder se faz presente nas mais diversas formas de interação, inclusive as interpessoais, embora a produção de sentido seja realizada de forma mais intensa em um contexto mais amplo, ou seja, no que diz respeito às relações entre classes sociais. Nesse contexto, o sentido é reflexo do exercício do poder. Infere-se, portanto, que as classes privilegiadas, que detêm grande parte do conhecimento e do poder de difusão dos instrumentos da informação, podem moldá-los de acordo com seus interesses.

“O sentido não existe em si mesmo. Ele é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico no qual as palavras são produzidas.” (PECHÊUX, apud BRANDÃO, 1983, p. 62). É nesse contexto que as barreiras atitudinais se desenvolvem, pois “As barreiras atitudinais podem estar baseadas em preconceitos explícitos ou a eles dar origem. Como vimos, elas aparecem em nossa linguagem, tanto quanto em nossas ações ou omissões” (LIMA, 2008, p. 8)

Geralmente, relacionamos o indivíduo a uma identidade. As pessoas sofrem influências das instituições sociais (igreja, família, escola, etc.) que agem sobre suas vidas forjando representações de sujeitos.

A esse respeito, cita-se o seguinte exemplo: “Ela é loira, mas não é burra”. O enunciado demonstra que foi criada uma identidade que relaciona a simples tonalidade capilar com o nível de inteligência. Historicamente, foi criada a ilusão de que as mulheres loiras têm um nível de conhecimento baixo e isso fora tacitamente aceito. Assim, o discurso afirma que ser loira é sinônimo de não ser inteligente.

Porém, do mesmo modo que “Em termos políticos, as identidades estão em crise por que as estruturas tradicionais de pertencimento baseadas nas relações de classe, no partido e



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

na nação-estado tem sido questionadas.” (MERCER, 1992, p. 424 *apud* WOODWARD, 2000, p. 36) em termos culturais, as identidades também se encontram em estado de instabilidade, pois os conceitos de estética estão sendo remodelados. Portanto, é incompatível associar a imagem de uma mulher loira à falta de instrução, pois “A identidade, assim como o sujeito, não é fixa, ela está sempre em produção, encontra-se em um processo ininterrupto de construção e é caracterizada por mutações” (FERNANDES, 2005, p. 43).

Entretanto, a reincidência de atitudes preconceituosas e a perpetuação de valores estereotipados observados no discurso que se utiliza de conjunções adversativas ocasionam a imposição de barreiras atitudinais.

“As barreiras atitudinais não são concretas, em essência, na sua definição, no entanto, materializam-se nas atitudes de cada pessoa. Com efeito, não há como explicitar todas as suas formas numa lei, mesmo porque não se têm classificados todos os tipos de barreiras atitudinais. Esse é um desafio para as pessoas que se preocupam com a educação, a sociedade e a inclusão.” (LIMA, 2008, p. 9).

Neste outro exemplo “Ele é homem, mas chora”. Aqui se encontra um valor arraigado na sociedade brasileira, especialmente no Nordeste, fruto de séculos de regime patriarcal, onde o homem costumava ser caracterizado por uma postura viril. Quando o enunciado acima (ou um variante dele) é dito, fica expresso que se trata de homem que possui um comportamento contraditório àquele socialmente aceito, logo, põe-se em xeque a sua masculinidade. Em conformidade com esse valor, fica implícita que o choro



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

(exteriorização da tristeza) é característica dos fracos, dos frágeis e dos sentimentais, características historicamente atribuídas às mulheres.

Construções como o enunciado acima, também, impelem e coagem o homem a adquirir determinada postura imposta socialmente, que pode não lhe ser natural, entretanto, lhe é cobrada. É imposta uma barreira, portanto, no sentido em que limita a liberdade de desenvolvimento pleno do indivíduo além de criar uma crença de como deve ser o comportamento masculino ideal.

“[...] se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre dois polos resultantes – homem/mulher etc. Aquilo que é peculiar ao segundo termo é assim reduzido - em oposição à essencialidade do primeiro – à função de um acidente. Ocorre a mesma coisa com a relação negro/branco, na qual o branco é obviamente, equivalente ao “ser humano”. “Mulher” e “negro” são assim, “marcas” (isto é, termos marcados) em contraste com os termos não-marcados ‘homem’ e ‘branco’.” (LACLAU, 1990: p.33).

“Eu sou pobre, mas sou limpinho”. Nestas falas, o discurso afirma que ser pobre (ter pouco capital econômico) é impreterivelmente, não ter asseio. Observa-se um processo de auto-repressão de quem profere a ideia, ou como diagnostica o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, há um processo chamado de “Violência Simbólica”:

“Contra todas as formas do erro “interacionista” o qual consiste em reduzir as relações de força a relações de comunicação, não basta notar que as



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidas nessas relações e que, como o dom (...), podem permitir acumular poder simbólico. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’.” (BOURDIEU, 2003: p. 11).

Segundo Bourdieu, os elementos mundanos são estruturados na consciência dos indivíduos, mas estes têm um papel estruturante, pois são capazes de se transformar e transformar a realidade. Para as classes mais abastadas, a maneira mais fácil de manter a sua condição de privilégio dentro da sociedade é tentar legitimar a sua posição, culpando as próprias vítimas (neste caso, os “pobres”) pela sua condição de desfavorecimento. Todavia, o autor afirma que às vezes pode haver um tipo de “cumplicidade” entre a classe favorecida e a outra, que está em posição de desfavorecimento.

CONCLUSÃO

Na sociedade contemporânea, como advertia Foucault, não se tem o direito de dizer tudo o que nos apetece, em qualquer circunstância e com quem quer que seja. Justo por isso existe o interdito, que é um procedimento de exclusão no discurso, onde se evidenciam mecanismos como o uso de conectivos estabelecadores de sentido de oposições que revelam valores e preconceitos que apenas são ditos de forma implícita. Assim,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

“As barreiras atitudinais, porém, nem sempre são intencionais ou percebidas. Por assim dizer, o maior problema das barreiras atitudinais está em não as removermos, assim que são detectadas.” (LIMA, 2008, p. 31).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAGNO, M. *A norma oculta*. São Paulo, Parábola Editora, 2003.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel Difusão Editorial/ Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.
- FARACO & MOURA. *Gramática*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- FERNANDES, C. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.
- FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*, São Paulo: Editora Contexto 2004.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LIMA, F. J. *Barreiras Atitudinais: Obstáculos à pessoa com Deficiência na Escola*. In: Olga Solange Herval Souza. (Org.). *Itinerários da Inclusão Escolar - Múltiplos Olhares, Saberes e Práticas*. Canoas: Ulbra, 2008, v., p. 23-32.
- SILVA, T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso*. Campinas, Editora Pontes, 1999.

Recebido: 13/12/2010

Aceito: 22/12/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br